

★ O TEATRO IMAGEM COMO FERRAMENTA DE AUTOCONHECIMENTO UMA PROPOSTA PARA ALUNOS UNIVERSITÁRIOS

Bianca Tocacelli Sisto

Bianca Tocacelli Sisto: Atua na área de artes, com ênfase em Teatro. Graduada em Teatro pela Universidade Anhembi Morumbi (UAM), foi bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) orientação do Prof. Dr. Marcelo Braga de Carvalho.

Marcelo Braga de Carvalho

Marcelo Braga de Carvalho: Doutor em Artes Cênicas pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo e Docente da Graduação em Teatro da Universidade Anhembi Morumbi.

Palavras-chave:

*Teatro Imagem.
Autoconhecimento.
Augusto Boal.*

Resumo: A proposta desta pesquisa está centrada na investigação das possibilidades e potencialidades que o método do Teatro Imagem, de Augusto Boal, possui ao ser ministrado para um coletivo de alunos universitários. Nos encontros realizados foram aplicados exercícios de Teatro Imagem que proporcionaram aos participantes a chance de refletir e questionar suas opiniões e pontos de vista acerca dos temas levantados nos referidos encontros e relacioná-los às ações físicas que surgiram durante a execução desses exercícios. Os resultados permitiram concluir que o Teatro Imagem fomentou reflexões e verticalizou percepções sobre temas atuais e potencializou a abertura de diálogo sobre esses mesmos assuntos dentro do coletivo de alunos universitários em questão.

Keywords:

*Image Theatre.
Self knowledge.
Augusto Boal.*

Abstract: This research's proposal is centered in the investigation of the possibilities and potentialities that Augusto Boal's Image Theater method has when applied to a collective of university students. During the encounters, Image Theater's exercises were used and provided the participants the chance to question and reflect about their opinions and points of view about the themes chosen to be discussed during these meetings and relate them to the physical actions created during the execution of these exercises. The results allow us to conclude that the Image Theater promoted reflections and deepen perceptions about nowadays subjects and made possible a wider dialogue between the members of a group of university students about the chosen subjects.

Introdução

O Teatro do Oprimido (T.O.) é uma linha de pensamento sobre o fazer teatral que tem como foco a transformação do ser social, visando a busca de sua autonomia. Por meio das mais diversas técnicas desenvolvidas por Augusto Boal, o indivíduo deve ser capaz de modificar a si mesmo, atuando efetivamente sobre a realidade que o cerca. Sobre o T.O., Boal afirma:

Essa diversidade não é feita de técnicas isoladas, independentes, mas guardam estreita relação entre si, e têm a mesma origem no solo fértil da ética e da política, da história e da filosofia, onde a nossa árvore vai buscar a sua nutriente seiva. (BOAL, 2013, p.15).

Foi a partir da leitura do livro *Teatro do oprimido e outras poéticas*, de Augusto Boal, que surgiu o interesse em desenvolver esta pesquisa,¹ que teve, como objetivo principal, explorar as possibilidades e potências da técnica do Teatro Imagem. Essa técnica propicia, aos atores em formação, autorreflexão sobre a participação deles em relação a assuntos levantados nos encontros propostos durante esta pesquisa.

Inserir o Teatro Imagem como matéria-prima de uma pesquisa prática acadêmica possibilitou aos envolvidos uma ampliação do seu campo sensorial, que geralmente é restrito, pois este se expressa apenas por palavras que possuem significados limitados: “A palavra é a maior invenção do ser humano, porém traz consigo a obliteração dos sentidos, a atrofia de outras formas de percepção”. (BOAL, 2013, p. 17).

Nos seus escritos, Boal descreve o Teatro Imagem como um reflexo múltiplo do olhar do outro, sendo que nessa reflexão, a imagem criada vem carregada de diversas significações. “Teatro Imagem não é um método *simbólico*, e sim *sinalético*” (BOAL, 2015, p. 216), ou seja, seus significantes e significados são inseparáveis.

Imagens são superfícies que refletem o que nelas é projetado. Assim como objetos atingidos pela luz, as imagens conseguem refletir emoções, ideias, lembranças, desejos e observações. (BOAL, 2015, p. 216).

Este artigo apresenta uma investigação empírica, que consistiu na aplicação da técnica do Teatro Imagem, prática esta que foi estruturada a partir da leitura do livro *Jogos para atores e não atores*, de Augusto Boal, e também inspirada nas aulas práticas do curso *Introdução ao Teatro do Oprimido*, ministrado por Laura Brauer,² fato esse que potencializou o entendimento e catalisou a aplicação dos exercícios utilizados nesta pesquisa.

Procedimentos práticos para uma investigação do Teatro Imagem no campo universitário

A leitura dos livros *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas* e *Jogos para atores e não atores*, ambos da autoria de Augusto Boal, e dos livros *Pedagogia do oprimido* e *Pedagogia da autonomia*, ambos da autoria de Paulo Freire, foi fundamental para a estruturação e aplicação dos procedimentos práticos.

O processo se iniciou com a abertura de inscrições para uma Oficina de Teatro do Oprimido, com ênfase em Teatro Imagem, em setembro de 2016. Foram realizados cinco encontros, no mês de novembro de 2016, nas dependências da Universidade Anhembi Morumbi, com periodicidade semanal. O grupo foi formado por 12 participantes, todos alunos de graduação em Teatro que frequentavam os mais variados estágios do curso. Vale ressaltar que a presença de aprendizes com tamanha diversidade foi importante para que pudéssemos analisar como a técnica estudada e aplicada pode deflagrar questionamentos sociais neste grupo. Boal, refletindo sobre as possibilidades de aplicação da técnica do Teatro do Oprimido, afirma que atores “devem usar este trabalho para expandir ainda mais as possibilidades” (BOAL, 2015, p. 17-18).

A apreciação dessa experiência baseou-se nas seguintes propostas: Ao final de cada encontro, foi feita uma roda de conversa, momento no qual eram apresentadas as percepções individuais sobre as atividades realizadas no dia. Logo após essa etapa, os participantes recebiam uma folha de papel em branco, na qual eles deveriam registrar tais percepções, a partir do debate prévio. Essas propostas de registro tiveram como objetivo mapear as impressões de cada um dos participantes, sobre as atividades desenvolvidas naquele dia além de identificar as reflexões que foram produzidas não só pelos indivíduos, mas também pelo coletivo, revelando, a cada encontro, como se construiu o entendimento do grupo acerca do Teatro Imagem. Foram feitos também registros em foto e vídeo para complementar a documentação da pesquisa.

Os encontros foram estruturados a partir de leituras dos textos de Augusto Boal e Paulo Freire, jogos de Desalienação Corporal³ e técnicas do Teatro Imagem. No primeiro encontro, foi apresentada uma breve biografia de Augusto Boal, além de um pequeno histórico da relação de Boal com Freire e de como surgiu o Teatro do Oprimido. Posteriormente, apresentou-se a figura que representa a Árvore do Teatro do Oprimido. No segundo encontro foi utilizada a técnica Teatro do Lixo. No terceiro encontro foram aplicados exercícios de Desalienação Corporal, como o jogo de empurrar e o jogo bosque do som. Em seguida, foi adotada a técnica hipnose colombiana. No quarto encontro foram aplicados os jogos de Desalienação Corporal, corrida de bunda e corrida em câmera lenta e, em seguida, foi aplicada a técnica da imagem da palavra. No quinto encontro, adotou-se novamente a técnica da hipnose colombiana inserindo, nesse momento, o conceito de ação sustentada.⁴

No primeiro encontro, os fundamentos do Teatro do Oprimido assim como a biografia do seu criador, Augusto Boal, foram apresentados aos participantes. Nessa explanação foi incluída a Árvore do Teatro do Oprimido, que consiste em um esquema que apresenta todas as vertentes do

método desenvolvido pelo autor. Nessa análise, a pesquisadora situou o Teatro Imagem dentre as demais vertentes do Teatro do Oprimido, o que possibilitou que todos os participantes começassem a entender as diversas estruturas que compõem o referido método.

No Teatro Imagem, dispensamos o uso da palavra – a qual, no entanto, reverenciamos! – para que possamos desenvolver outras formas perceptivas. Usamos o corpo, fisionomias, objetos a ampliar nossa visão sinalética – onde significantes e significados são indissociáveis, como o sorriso da alegria no rosto, ou as lágrimas da tristeza e do pranto –, e não apenas linguagem *simbólica* das palavras dissociadas das realidades concretas e sensíveis, e que a elas apenas se referem pelo som e pelo traço. (BOAL, 2013, p.17).

No segundo encontro, foi utilizado o jogo dramático chamado Teatro do Lixo, no qual os participantes buscaram, nos arredores da universidade, aquilo que consideravam lixo e trouxeram esse material para dentro da sala de ensaio, cujo espaço foi dividido em três partes. Os participantes foram convidados a posicionar cada um dos objetos do “lixo recolhido” em um dos espaços. Esse procedimento só se encerrou quando todos os objetos foram colocados nos três pontos propostos. Por fim, as composições formadas pelo “lixo recolhido”, em cada espaço, foram analisadas pelos integrantes e, através da mediação da pesquisadora, elaborando perguntas, foram construídos personagens. A seguir, apresentamos algumas das perguntas que norteiam essa composição: *Se essa construção fosse uma personagem, quem ela seria? Onde ela mora? Quem ela foi? O que ela gosta? Ela tem família?* Após a identificação, foram desenvolvidas histórias que correlacionam a vida dessas personagens com o meio social proposto pelos membros do grupo, e depois foram criadas três imagens que abordaram o presente, passado e futuro de cada história. Depois disso, foram criados os Monólogos Interiores de cada personagem e, ainda, o que este fala aos demais.

Ao final, foi realizado um debate sobre o procedimento realizado e posterior registro.

No terceiro encontro, foram aplicados jogos de Desalienação Corporal e de Construção de Imagens. Esses jogos estimulam física e sensorialmente, como ressalta Boal:

“Os jogos facilitam e obrigam a essa desmecanização sendo, como são, diálogos sensoriais onde, dentro da disciplina necessária, exigem criatividade que é a sua essência.” (BOAL, 2015, p. 16).

Neste encontro, três atividades foram colocadas em prática. A primeira consistiu em executar a ação de empurrar. Os participantes foram divididos em duplas e, cada dupla deveria escolher um ponto de contato corporal. O objetivo desse procedimento foi propiciar que cada um descobrisse estratégias de como deslocar seu parceiro de um lado para o outro da sala. A segunda, chamada de Bosque do Som, consistiu em propiciar uma experiência de orientação pela emissão sonora. Os integrantes foram divididos em duplas, sendo que um deles permaneceu de olhos fechados. Este orientou sua movimentação pelo som emitido pelo parceiro. Em um segundo momento, uma terceira pessoa entrou no jogo e realizou o mesmo som, só que em outro ponto da sala e, a pessoa de olhos fechados, não deveria segui-la. O exercício buscou estabelecer confiança e conexão entre os envolvidos, o que possibilitou o desenvolvimento de maior concentração, aspecto fundamental para a fase seguinte. A terceira atividade tinha como objetivo principal iniciar a pesquisa coletiva acerca do Teatro Imagem, que é chamada de hipnose colombiana. Novamente os participantes foram agrupados em duplas e a proposição foi que, com o auxílio da mão, um membro guie o outro pelo espaço e, em um determinado momento, todos parram no lugar. Uma dupla foi selecionada pela pesquisadora, que estava mediando o procedimento e, essa dupla passa ser referência de análise para os demais envolvidos e, a imagem formada por eles, é

então analisada e discutida por todos. Alguns dos aspectos observados são: o gênero, a classe social, a possível relação familiar, o local onde mora, a escolaridade e o nível de proximidade com o outro personagem. Estes aspectos são utilizados pelo grupo para que se justifique o motivo concreto da ação apresentada na imagem analisada. Em uma etapa posterior deste procedimento, outras imagens foram investigadas, só que nesse momento, utilizando os conceitos de oprimido e opressor. O grupo buscou identificar quem seria o primeiro, quem seria o segundo e que relação de opressão seria essa. Esse exercício funciona como um preparador para que o grupo entenda a importância da construção de imagens no âmbito do Teatro Imagem.

No quarto encontro, a pesquisa de construção de imagens e posterior reflexão foram retomadas. Iniciou-se a sessão com exercícios de Desalienação Corporal e, depois disso utilizou-se a técnica do Teatro Imagem. No início, os integrantes selecionaram palavras que poderiam ajudá-los a escolher um objetivo comum para a pesquisa das imagens, como indica Boal:

Pede-se que ele expresse sua opinião sobre o tema determinado, de interesse comum, que os participantes desejem discutir. Esse tema pode ser amplo, abstrato, como o “imperialismo”, ou pode mais concretamente referir-se a um problema local, como a ausência de água encanada, coisa que costuma acontecer em quase todas as favelas latino-americanas. (BOAL, 2013, p. 139-140).

As experiências vivenciadas durante esse exercício possibilitaram que todos pudessem expressar suas ideias através das imagens corporais e não pela argumentação oral e também que pudessem investigar como cada um poderia contribuir para a construção da ideia do outro, não deixando, porém, de expressar também a sua, formando aquilo que Boal chama de Imagem de Transição:

A assim chamada imagem de transição tinha por objetivo ajudar os participantes a pensar com imagens,

a debater um problema sem o uso da palavra, usando apenas os próprios corpos (posições corporais, expressões fisionômicas, distâncias e proximidades etc.) e objetos. (BOAL, 2015, p. 29)

As atividades desenvolvidas no quinto e último encontro buscaram aprimorar a concepção do grupo acerca do Teatro Imagem. A pesquisadora utilizou, nessa sessão, o conceito de *Ação Sustentada*. A ideia de que a imagem elaborada pelo participante representa uma ação e que, no Teatro Imagem, esta ação esteja sustentada, contribuiu para a análise que o grupo fez da referida técnica e também para a melhor compreensão do que seria essa vertente do Teatro do Oprimido.

Como dito anteriormente, a pesquisa prática com os alunos universitários foi desenvolvida com o auxílio dos conteúdos aprendidos pela pesquisadora durante o curso “Introdução ao Teatro Oprimido”, ministrado por Laura Brauer. As apresentações públicas realizadas durante tal curso, tanto na Escola Livre de Teatro de Santo André (ELT) como na Universidade Federal do ABC (UFABC) também foram fundamentais para embasar a prática proposta nesta pesquisa.

Resultados

A seguir serão apresentados os registros mais significativos obtidos durante a execução desta pesquisa.

No primeiro encontro não foi feito nenhum registro escrito dos participantes, pois a proposta era criar uma base teórica para o tema que seria investigado na prática. Pudemos observar que o processo de transmissão do conteúdo referente ao Teatro do Oprimido, para alunos de vários estágios de formação, foi extremamente rico devido ao fato de que cada participante assimilava tal conteúdo de acordo com sua experiência anterior. Participantes que já tinham entrado em contato com os escritos de Augusto Boal apresentavam uma atitude mais investigativa, especialmente quando buscavam en-

tender melhor a ligação que a obra do mesmo tinha com a de Freire. Outros, que ainda não tinham tal conhecimento, relacionaram-se com esse conteúdo sem pretensão de pesquisar algo específico, mas sim com o intuito de se familiarizar com ele.

No segundo encontro, com o exercício do *Teatro do Lixo*, foram construídos três personagens: uma mulher transexual, moradora de São Paulo e que trabalhava como bilheteira em um teatro; um indígena, morador de uma praia e que tinha muita saudade da sua aldeia e, por fim, um pastor, que impunha a sua crença religiosa aos devotos. Este encontro foi bastante intenso devido aos diversos questionamentos levantados durante o processo de construção das personagens e, para aquele coletivo, foi a primeira experiência prática na qual tiveram que debater ideias e aceitar argumentações elaboradas pelos outros. Esse foi o encontro no qual obtivemos o maior número de registros escritos e, através deles, pudemos observar não só a potência das reflexões pessoais que fomentaram as discussões em grupo, mas também a troca que ocorreu entre os participantes, como demonstra os seguintes relatos:

Achei incrível a experiência de compor através do lixo. Estamos tão presos à mesma forma de arte, que ao experimentar outras coisas, senti outro lado sensorial que havia esquecido. (Relato de A.M.).

A experiência me provocou um questionamento sobre a velocidade do nosso pensamento racional. A primeira imagem é o que vemos, mas nem sempre ela é real. (Relato de F.H.).

Senti uma grande necessidade de me expressar através dos símbolos universais e de caráter institucional. Percebi a minha dificuldade em ver primeiro o indivíduo, porém depois entendia o seu contexto dentro da sociedade. (Relato de A.M.).

A proposta abre e propicia várias interpretações, proporciona a liberdade de entendimento e nos faz refletir sobre o que estamos condicionados e sobre o meio em que vivemos. (Relato de R.F.).

É realmente muito interessante ver um personagem surgindo com todas as suas características, histórias, e imagens montadas. É magnífico, pois conseguimos ver aquele personagem, que era a princípio estático e sem vida, ganhar forma e movimento. Todo esse processo foi bem concreto, delicado, grandioso e reflexivo. (Relato de A.G.).

Essa construção foi fluida, sincera e criativa, válida para termos uma visão melhor de nós mesmos (nós internos) e de nós atuantes do mundo. (Relato de C.P.).

Através de símbolos vejo pessoas
Escuto histórias
Sinto realidades
São matérias,
Matérias do concreto
Que buscam o entendimento
Mas que talvez
Sentir basta! (Relato de L.B.).

No terceiro encontro, durante a aplicação do exercício da hipnose colombiana, vale ressaltar que cada participante elaborou a situação do personagem com as referências que condiziam com o seu modo de ver a imagem criada durante o procedimento e, as histórias construídas, levaram a uma reflexão coletiva sobre como o oprimido conseguiria sair dessa situação de opressão. Não só durante essa vivência, mas também a partir da análise dos depoimentos, a pesquisadora pôde perceber a magnitude da reverberação dessa experiência entre os participantes, e as dificuldades que os envolvidos tiveram em buscar uma saída para o oprimido, como se segue:

Depende da perspectiva, porém o que aparece primeiro é o que a gente teve de vivência, ou já viu acontecer. (Relato de M.N.).

A opressão é tanta que o oprimido acaba sendo doutrinado pelo opressor, reproduzindo a situação em cima de outros oprimidos. É a velha história da “euforia do funcionário” que defende o patrão e suas ações, pois acredita que é a única forma de fuga, no

qual esse sistema se torna um dogma social. (Relato de G.V.).

No quarto encontro, o exercício Imagem da palavra ampliou a percepção dos participantes em relação à construção de imagens. Estes, além de construir as imagens, tiveram a oportunidade de observar e conduzir alguns experimentos no decorrer desse experimento, como demonstram os depoimentos a seguir: Foi uma grande experiência poder ver aquilo que o outro pensa sobre uma determinada palavra. Uma palavra forte com grande significado e amplitude, consegue deixar a experiência ainda mais extensa e com uma enorme reflexão. (Relato de A.G.).

É instigante ver o que aquela palavra representa pra você, e o que conseguimos fazer no coletivo. Um trabalho com alto grau de reflexão, sobre os assuntos envolvidos, e que de alguma maneira se tornam até pessoais. Das palavras, as que me tocaram mais foram igualdade e impotência, e me despertaram sentimentos. A primeira, um sentimento de união, já a segunda, um sentimento de angústia. (Relato de A.G.).

Ficou claro o quanto é necessário a reflexão e o exercício de generosidade, na teoria, na sala de aula, na prática e na vivência. (Relato de A.M.).

No meu imaginário marrom

Relações que já vivi De repente a arte mostra, que eu nunca resolvi O que soa tão corriqueiro natural e tão certo

Na verdade é só outro jeito

De ignorar este pulgueiro. (Relato de B.G.).

No quinto encontro aplicou-se o conceito de ação sustentada,⁴ quando pudemos analisar as possibilidades que o Teatro Imagem possui de fomentar o trabalho de construção cênica dos alunos universitários e quais potencialidades criativas que estes podem desenvolver no campo das Artes Cênicas. Acreditamos que, a partir da elaboração de uma imagem, se ampliam as possibilidades de elaboração de um personagem, levando em consideração seu contexto social, histórico e econômico.

Vale ressaltar que, por se tratar do último encontro, a avaliação foi feita através de uma roda de conversa.

Considerações finais

Por meio desta pesquisa, pudemos concluir que o Teatro Imagem consiste em uma potente ferramenta de autoconhecimento⁵ para um coletivo universitário, visto que o processo de criação de imagens pode ampliar o campo sensorial de cada indivíduo, despertando novas formas de percepção de si mesmo e do seu entorno. Observamos que, ao longo de todo o processo descrito, ao solicitar que as imagens criadas fossem analisadas não só pela palavra, mas também pela ação física, a comunicação que se estabeleceu entre o coletivo de participantes

se modificou, propiciando uma maior e melhor escuta entre eles. Esses encontros permitiram aos estudantes não só buscar outras maneiras de se comunicar, mas também encontrar novas propostas de elaboração de cenas em um processo de criação coletiva. Cabe aqui ressaltar que percebemos a necessidade de termos destinado mais tempo à vertente prática desta pesquisa para que o processo fosse mais intenso e que os envolvidos pudessem realizar uma investigação mais aprofundada sobre o tema proposto. O Teatro Imagem, como ferramenta artístico-pedagógica no campo das Artes Cênicas, amplia as possibilidades de diálogo com a atualidade, promove autoconhecimento e também estimula os participantes a se tornarem novos pesquisadores. ☆

Referências

- BOAL, A. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. São Paulo: Cosac Naify, 2013, 224 p.
- BOAL, A. **Jogos para atores e não atores**. São Paulo: Cosac Naify, 2015, 416 p.
- BOAL, A. **Técnicas latino-americanas de teatro popular**. São Paulo: HUCITEC, 1979, 168 p.

- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016, 255 p.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016, 144 p.
- LIGIERO, Z; TURLE, L; ANDRADE, C. **Augusto Boal: arte, pedagogia e política**. São Paulo: MAUAD, 2013, 224 p.

Notas

- 1 Esta pesquisa foi financiada pelo CNPQ e está vinculada à Universidade Anhembi Morumbi.
- 2 Atriz, diretora e professora de interpretação, formada na Argentina em 2003. Especializou-se em técnicas de Teatro do Oprimido, que estudou com Augusto Boal entre outros e no teatro de Bertolt Brecht, estudando em Berlim no Archivo Bertolt Brecht e na escola de teatro “Ernst Busch Schauspielschule” com a atriz do Berliner Ensemble Carmen Maja Antoni, entre outros. Foi bolsista da Secretaria de Cultura de la Nación de Argentina, da Academia de Arte de Berlim e do Instituto Goethe para realizar trabalhos de investigação em Berlim, com foco em abordagens teatrais políticas e a metodologia brechtiana de trabalho do ator. Realizou trabalhos como atriz e professora na Alemanha, em Portugal, na Inglaterra, no México, na Argentina e no Brasil. Recebeu os prêmios de melhor peça e melhor atriz no segundo festival de monólogos de La Tigra – Chaco e foi responsável pela organização do I e II Encontro sobre “A Possível Atualidade de Brecht” em Buenos Aires com seu grupo “Actuarnos Otros” realizados em 2012 e 2014. Participou como co-curadora no Ensaio Aberto do Encontro Internacional “Que tempos são esses? Um ano com Brecht” realizado no Rio de Janeiro

- em 2016. Em São Paulo, de 2014 à 2017, leciona na Escola Livre de Teatro de Santo André e na UFABC. Orienta cursos independentes sobre as propostas de Brecht e de Boal para atores e não atores entre outros.
- 3 O termo usado para identificar os jogos de Boal neste artigo é “Jogos de Desalienação Corporal”. Boal os dividiu em cinco categorias “(...) os jogos ajudam a desmecanização do corpo e da mente alienados às tarefas respectivas do dia a dia, especialmente as do trabalho e às condições econômicas, ambientais, sociais de quem os pratica. (BOAL, 2013, p.15). Os nomes dos jogos e técnicas que aparecem neste artigo foram retirados dos encontros de “Introdução ao Teatro do Oprimido”, ministrado por Laura Brauer.
- 4 Esse conceito foi apresentado à pesquisadora por Marcelo Soler, Mestre e Doutor em Teatro, pela ECA-USP, durante o curso “Fundamentos do Teatro Imagem como recurso didático em sala de aula”. Ação sustentada acontece quando uma imagem não se limita a uma pose, mas sim um fluxo de movimento, alimentado de profundidade, expressão e presença e que nos traz significações para um contexto determinado pelo coletivo.

5 O autoconhecimento referido neste artigo se aplica à relação do indivíduo com o coletivo, ou seja, é concebido: “(...) como uma forma de autonomia do sujeito na sua relação com o universo social,

como forma de entender (e reagir contra) a opressão, de percebê-la como um desejo contrariado”. (LIGIERO; TURLE e ANDRADE, 2013, p. 201).